

DISCUSSÕES DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Daiane Santos Farias

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: o presente trabalho traz abordagens significativas para a área da educação, especialmente a modalidade de ensino infantil, após observação, numa escola de Vitória da Conquista- BA, a pesquisa propõe abordar sobre identidade racial na educação infantil, quando e como a criança compreende a questão racial, e qual o espaço em que a criança consegue identificar a pessoa negra, partindo dos resultados, a pesquisa pretende direcionar a possíveis soluções para o presente problema.

Palavras-Chaves: Educação Infantil. Identidade Racial. Relações étnico-raciais.

Introdução

As instituições de educação infantil, são espaços primordiais para o início do desenvolvimento humano das crianças, onde elas conseguem compartilhar experiências, somar suas vivências sociais, compreender e construir sua identidade, conforme afirma Cavalleiro (2008):

A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança. O contato com outras crianças de mesma idade, com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar, com outros objetos de conhecimento, além daqueles vivido pelo grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura do mundo. (CAVALLEIRO, 2008, p. 17)

Nesse sentido, é possível compreender a importância da escola para construção de sujeitos conscientes em torno da sua identidade social e também racial, de modo que desde a educação infantil as crianças se aproximem e valorizem do seu grupo étnico, uma vez que há uma dificuldade de se discutir as questões raciais no Brasil por várias questões, principalmente por conta do mito da democracia racial propagandeada de forma intencional, após o período escravocrata no país, apontada pela autora Ramos (2015) como uma grande barreira.

A aceitação da democracia racial tornou-se uma grande barreira do desvelamento e enfrentamento do racismo existente no Brasil, já que promoveu a perpetuação das desigualdades sociais, que por sua vez, são

justificadas por discursos que apontam suas vítimas como as únicas responsáveis pela sua marginalização, pobreza e analfabetismo entre outras mazelas sociais tal ideia é ainda, muito comum exatamente por não haver um desnudamento do sistema racista imperante no mundo e, de modo peculiar o racismo desenvolvido entre nós (RAMOS, 2015, p. 15).

Embora haja essa barreira, as relações étnico-raciais no Brasil devem ser discutidas constantemente a fim de estabelecer práticas que combatam o racismo. Este é um tema que obtém a necessidade de ser abordado nos espaços educacionais, especialmente na educação infantil, mesmo sendo ainda mais complicado ser abordado nessa etapa da educação.

A identificação étnico-racial na infância não tem sido o foco no Brasil. São poucas as pesquisas que privilegiam as crianças como atores sociais em condições de explicitar sua compreensão sobre seu pertencimento étnico-racial. Esse distanciamento parece estar relacionado a dois fatores: a complexidade de se discutir cor e raça no Brasil e ao fato de não considerar a criança pequena como sujeito de pesquisa válido (TRINDAD, 2011, p. 21).

A presente pesquisa possui 2 (dois) objetivos específicos: a) Promover uma discussão em relação a identidade racial da criança; b) Intensificar práticas em torno do reconhecimento étnico-racial. Complementando como foco, é importante haver uma observação se são e como são abordados os assuntos na identidade racial da criança na educação infantil, etapa a qual é fundamental por se tratar de um processo inicial em que a criança começa a compreender o desenvolvimento humano. É necessário, portanto, que essa educação primária lhe traga significância para o seu desenvolvimento futuro como sujeito social, especialmente, neste caso, em relação à identificação ao grupo étnico que a criança pertence, pois, para Cavalleiro (2008),

De modo silencioso ocorrem situações, no espaço escolar, que podem influenciar a socialização das crianças, mostrando-lhe diferentes lugares para pessoas brancas e negras. A escola oferece aos alunos, brancos e negros oportunidades diferentes para serem aceitos, respeitados e positivamente participante da sociedade brasileira. A origem étnica condiciona um tratamento diferenciado na escola (CAVALLEIRO, 2008, p. 98).

Como citado acima, para a autora o preconceito e a discriminação dentro da escola fazem com que a criança negra crie uma desconfiança de ser aceita por parte dos professores e colegas. O preconceito, que muitas vezes é silenciado e omitido por várias posições, dentro da

escola, proporciona que a criança se veja afastada e nega a aproximação e reconhecimento da sua identidade racial.

Me senti, neste momento, como mulher negra e acadêmica, motivada a fazer esta pesquisa, por conta das minhas - e do grupo étnico ao qual pertencço - experiências de práticas racistas estruturais e institucionais. Mantendo foco sobretudo em trazer, de modo reflexivo, não só na minha formação acadêmica, mas também profissional da área da educação que tende a atuar com práticas antirracistas e valorização à comunidade negra dialogando com o que diz o Parecer 003/2004 do Conselho Nacional de Educação.

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra (Parecer do Conselho Nacional de Educação, 2004, p. 4).

Com base em referências e obras já realizadas em torno deste tema, a pesquisa propõe promover uma discussão em relação a identificação racial da criança, provocando aos educadores e às educadoras que atuam na educação infantil (pré-escolas e creches) a realizar abordagens acerca da identidade racial, com intuito de promover uma educação igualitária e incentivar a criança, já na educação infantil, a ter aproximação e identificação com o grupo étnico no qual pertence, com a extrema importância de que elas reconheçam a diversidade étnico-racial como algo que deva ser respeitado e valorizado positivamente.

Metodologia

Como toda pesquisa científica necessita de um método para ser realizada, este artigo tende a se tratar de um tipo de pesquisa exploratória, descritiva e explicativa que, de acordo com Severino (2007),

A pesquisa exploratória busca apenas levantar informações um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho [...] ela é uma preparação para a pesquisa explicativa. A pesquisa explicativa é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos (SEVERINO, 2007, p.123).

Portanto, este artigo se aproxima de um tipo de pesquisa que possui uma abordagem qualitativa ao qual visa responder questões individuais do ser humano, cujo os dados não podem ser quantificados.

Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 2009, p.21).

Por este fato, é possível tratar este artigo em uma abordagem qualitativa, pois trabalha na perspectiva de discussão da identidade racial do sujeito, especificadamente, a criança. Tal investigação não pode ser equivalida por números, pois está associada às relações, representações, intencionalidades e particularidades.

Este trabalho conta, ainda, com uma pesquisa empírica, realizada em uma escola de rede privada na cidade de Vitória da Conquista- BA, com 14 alunos da educação infantil, entre a faixa etária de 4 e 5 anos, e teve o principal propósito de observar a relação de aluno/aluno, procurando identificar como, onde e quando é estabelecida a identidade da criança com seu grupo étnico. A pesquisa foi dividida em dois momentos: o primeiro momento, através da observação do contexto da escola e do cotidiano dos alunos e, no segundo momento foi partido de uma experiência de “faz de conta” aproximando-se com o experimento chamado “The Doll Experiment” (1939), ao qual se trata de um teste feito pelo casal de psicólogos norte-americanos Kenneth Clark e Mamie Clark. O experimento foi feito com o público infantil com o objetivo de compreender a visão das crianças negras em torno da sua identidade racial e quais os impactos do racismo na autoestima da criança. A pesquisa foi realizada através da apresentação de duas bonecas, uma branca e outra negra, para algumas crianças, e, a partir disso, eram feitas perguntas pelo pesquisador em relação às bonecas, afim de que as crianças atribuíssem

características às bonecas, tais como: má, boa, feia, bonita, com qual boneca elas se identificavam. Assim, como explica a primeira organização legal fundada para a luta pela justiça racial no EUA, NAACP Legal Defense and Educational Fund, Inc:

Dr. Clark usou quatro bonecas idênticas, exceto pela cor, para testar a percepção racial das crianças. Os participantes, crianças entre três a sete anos de idades, foram solicitados a identificar tanto a raça das bonecas quanto qual a cor da boneca que preferiam. A maioria das crianças preferiu a boneca branca e atribuiu características positivas a ela. A conclusão de Clark foi que “preconceito, discriminação e segregação” criaram um sentimento de inferioridade entre as crianças afro-americanas e prejudicaram sua auto-estima”.

Sendo, portanto, um experimento que traz contribuições significativas acerca da temática levantando questões reflexivas em torno da identidade racial da criança, autoestima, e consciência racial, evidenciando também os impactos das práticas discriminatórias sobre a vida das crianças, sobretudo crianças afrodescendentes.

Resultado e discussão

O local escolhido para realização da pesquisa se trata de um centro educacional do setor privado, situado em um bairro periférico da cidade de Vitória da Conquista- BA. O motivo da escolha do local se deu pela curiosidade despertada em mim ao questionar como seria trabalhado essa questão naquela instituição, levando em consideração o contexto social do bairro ao qual a escola se localizava. Embora não tenha sido o foco do trabalho, estimei que fosse relevante levar em consideração estes aspectos, dentro da temática.

A escola possui uma estrutura de pequeno porte, contendo apenas 2 (duas) turmas da Educação Infantil e duas turmas do Ensino Fundamental, no turno vespertino (turno ao qual foi realizado a pesquisa). Mantendo o foco na Educação Infantil, me direcionei para a turma do “Pré IV e Pré V”, que neste caso, se tratava de uma turma mista contendo 14 crianças de 4 e 5 anos de idade. Permanecendo a observação do contexto da escola, procurei analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, que infelizmente tive um acesso muito limitado pela direção da escola.

Com base na análise do cotidiano da escola, foi possível constatar que não havia indícios que existia discussão acerca de temas que trabalhassem a diversidade ou questões raciais dentro do cotidiano escolar, o que contraria a Lei 11.645/2008, alterada pela Lei 9.394/1996 e modificada pela Lei 10.639/2003:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008 p. 1)

É, portanto, fundamental a inclusão efetiva do ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial do sistema educacional, tanto em instituições públicas como privadas. Essa exigência ainda não é uma realidade presente no currículo e no ambiente escolar de muitas instituições educacionais, resultando em uma não valorização da história e cultura afro-brasileira e indígena, adversidade em relação à identidade racial da criança e também possíveis aberturas às práticas discriminatórias, como: racismo, preconceito racial e discriminação racial, que, apesar de serem temas relacionados, possuem distinções, assim como explica Almeida (2019)

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. [...] O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. [...] A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça (ALMEIDA, 2019, p. 25).

Após a observação moderada do contexto social da escola e de sua estrutura física, segui a assisti a rotina da turma. Ao conhecer a turma, foi logo possível notar que a maioria das crianças eram negras, entretanto, em determinado momento, ao questionar se elas pertenciam a esse grupo étnico, houve um estranhamento por parte delas, pois algumas se consideravam “moreno (a)”. Outras, ainda, não entendiam o que era ser negro. Observei, também, que algumas despontavam um olhar de negação, insatisfação ou choque ao *ser negro*, algumas se afirmaram

como criança negra. Partindo disso, foi perceptível o não reconhecimento racial, ou negação deste, apontando, portanto, reações preconceituosas e tentando, ao máximo, se aproximar do perfil de uma pessoa branca.

Desse modo, foi possível perceber que se identificar como pessoa negra é, muitas vezes, carregar uma imagem negativa e indesejável. Essa constatação corrobora com a ideia de colorismo ou pigmentocracia, explicitado pelo site Geledés (2015):

O colorismo ou a pigmentocracia é a discriminação pela cor da pele e é muito comum em países que sofreram a colonização europeia e em países pós-escravocratas. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer. [...] o colorismo se orienta somente na cor da pele da pessoa. Isso quer dizer que, ainda que uma pessoa seja reconhecida como negra ou afrodescendente, a tonalidade de sua pele será decisiva para o tratamento que a sociedade dará a ela.

Compreendendo, então, este conceito como um dos vários efeitos provocados após abolição do sistema escravocrata, exercido pela colonização europeia em vários países, o Brasil ainda reforça a prática do colorismo, principalmente pela ideia da democracia racial difundida no país.

Dando prosseguimento ao segundo momento da pesquisa, foi iniciada a realização do teste. Trata-se de uma experiência de “faz de conta”, muito simples, na qual foi denominada de “Minha Lanchonete”, onde foi proposto que as crianças criassem uma lanchonete imaginável e fossem proprietários(as) deste estabelecimento, e para que as atividades acontecessem na “lanchonete” elas precisariam de funcionários. Deste modo, disponibilizei 28 (vinte e oito) imagens aleatórias, retiradas da internet, que continham 14 (quatorze) gravuras de pessoas brancas e 14 (quatorze) gravuras de pessoas negras. Elas escolheriam, portanto, 2 (duas) dessas imagens, sendo uma gravura de uma pessoa negra e outra gravura de uma pessoa branca, para ocupar os cargos disponíveis da “lanchonete”: cozinheira(o), limpeza, caixa, entregador(a) e atendente. Ao instruí-las, foi perceptível certo ânimo por parte das crianças para realizar esse teste, o que consequentemente causou incentivo em suas imaginações e o ato de brincar. Percebendo aspectos importantes ao que se refere ouvir e estabelecer diálogos com as crianças, dando um impacto imenso ao tratar essa questão partindo das ações das próprias crianças. Sendo a infância uma fase do desenvolvimento humano ao qual menos foi ouvida e tida com um olhar cauteloso, mesmo diante de várias discussões, leis e estatutos que têm sido discutidos em torno de direitos reservados a esses sujeitos. Revelando na maior parte do tempo o domínio da fala que a pessoa adulta tem, até mesmo para tratar de assuntos que se diz respeito às crianças,

ditando o que elas precisam, o que gostam, e o que devem fazer sem sequer ouvi-las de verdade, tendo, a fala desses sujeitos muitas vezes censurada, seja em casa, na comunidade, no ambiente escolar e em vários outros espaços nos quais elas vivem, descartando a possibilidade de que podem contribuir com uso de sua fala para apresentarem as necessidades sentidas por elas.

Ao realizar a experiência, observei onde as crianças encaixariam as imagens, tendo os resultados¹ apresentados na tabela abaixo:

Função	Imagens que ocuparam a função
Atendente	Preenchida apenas com imagens de pessoas negras
Caixa	Preenchida apenas com imagens de pessoas brancas
Limpeza	Preenchida com a maioria das imagens de pessoas negras, contendo apenas 1 imagem de pessoa branca
Entregador(a)	Preenchida com a maioria das gravuras de pessoas brancas e apenas 2 imagens de pessoas negras
Cozinheiro(a)	Preenchida de maneira diversificada, tendo quantidade iguais de gravuras tanto de pessoas brancas quanto pessoas negras

Subtendendo que alguns cargos recebem um valor de destaque social em comparação a outros, e também quem deve ocupar determinados cargos e posições na sociedade, foi possível observar que as crianças não veem pessoas negras ocupando funções que possuem mais destaques, como a de caixa, uma vez que muitos demonstraram compreender que quem administrava o dinheiro era “tipo o dono”, comparando o cargo de atendente limitando a imagem da pessoa negra a quem serve na maior parte do tempo, aproximando essa ideia ao que Trindad (2011) destaca:

Em seu cotidiano, as crianças atribuem valores sociais às categorias étnico-raciais e estabelecem suas relações pautadas pelo preconceito e pela discriminação, confirmando estudos sobre relações étnico-raciais desenvolvido em espaços infantis. (TRINDAD, 2011, p. 22)

¹ Resultado apenas escrito, pois, para preservar a identidade das crianças, não serão divulgadas as imagens originais.

Para chegar nesse resultado que a autora destaca, também podemos compreender que há uma visão eurocêntrica presente na escola que influencia no processo de identificação racial da criança e preconceitos construídos diante dela. Sobre isso, Quijano (2005) explica que:

A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. (QUIJANO, 2005, p. 118)

Partindo do que foi citado pelo autor, podemos transferir a sua explicação, neste caso, aos currículos elaborados e que são aplicados nas escolas, que carregam aspectos eurocêntricos e homogêneos no momento em que não são implementados ou são ignorados assuntos que discutem as diversidades culturais, de classe social, gênero e especialmente etnias, cedendo, portanto, espaço para preconceitos, padrões estéticos e ações coloniais.

Ao questioná-las sobre as escolhas das imagens em cada função, foi possível perceber que as crianças consideraram as suas experiências, seu cotidiano e suas vivências sociais, ao qual foi respondido que aquelas funções eram ocupadas, na maioria das vezes, por pessoas que possuíam características fenotípicas (cor da pele, cabelo, etc.) parecidas com as pessoas que foram apresentadas nas gravuras, ao questioná-las novamente sobre como chegaram naquela conclusão, responderam que era pelo fato de verem funcionar assim nas “lanchonetes de verdade”. Ou seja, as crianças tiveram influência nas escolhas das gravuras a partir do seu conhecimento de mundo, do que está posto socialmente, subtendendo, de forma naturalizada, que as posições que as pessoas negras assumem na sociedade são inferiores, de subalternidade ou de pouco prestígio. Sendo, portanto, resultado de práticas homogêneas, discriminatórias e etnocêntricas, pois o “fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequências a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural” (LARAIA, 2001, p. 38).

Considerações Finais

Podemos constatar que há uma ausência de discussão das relações étnico-raciais entorno da identificação racial da criança no espaço de educação infantil, o que leva a um resultado negativo a respeito dos temas de diversidade racial, fazendo com que as crianças construam involuntariamente preconceitos tendo como base o que é visto, vivenciado e posto no meio que elas convivem. A escassez desta abordagem, nas escolas, leva a consequências um tanto que severas, a exemplo dos casos de racismos, baixo autoestima, negação de seu grupo étnico e preconceitos. Evidenciamos, portanto, a extrema necessidade de ser abordado pelo(a) educador(a) através de atividades e/ou outras ações que envolvam a identidade racial, práticas antirracistas e que combatam os vários preconceitos estruturados e construídos em nossa sociedade.

Outra necessidade que ainda pouco se discute é a formação dos profissionais da educação a respeito do tema, uma vez que serão as pessoas responsáveis para construção desses sujeitos. É necessário, portanto, investir na formação inicial e continuada de profissionais da área da educação em fundamentos conceituais para ampliar a perspectiva em relação ao tema, o que mais uma vez se volta para a elaboração de currículo que aprofunde e trabalhe as diversidades e pluralidades culturais, raciais e sociais.

À vista do que foi discutido, sobretudo pela mediação entre estudiosos especializados na temática e o experimento, a presente investigação se construiu na busca de contribuir com o debate sobre a identidade racial da criança e possíveis práticas em torno do reconhecimento étnico-racial, destacando, principalmente, o que está sendo apontado como necessidade na formação do professor da Educação Básica.

Referências

BRASIL. Parecer do CNE/CP 003/2004, aprova em 10 de março de 2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação da relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.** Brasília: MEC, Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004.

_____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 17 de abril de 2021

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar:** racismo, preconceitos e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito Antropológico.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001. p. 38.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Desafio da Pesquisa Social. In: _____ . **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 21.

NAACP Legal Defense and Educational Fund. Inc. **The significance of “The Doll test”.** Disponível em: <<https://www.naacpldf.org/ldf-celebrates-60th-anniversary-brown-v-board-education/significance-doll-test/>> Acesso em: 19 de abril de 2021.

Playground da Inovação. **The Doll Experiment:** como o racismo afeta a auto estima das crianças?. 20 de novembro de 2013. Disponível em: < <https://www.playground-inovacao.com.br/the-doll-experiment-como-o-racismo-afeta-a-auto-estima-das-criancas/>> Acesso em: 18 de abril de 2021.

Portal Geledés. **Colorismo:** o que é, como funciona. 26 de fevereiro de 2015. Disponível em:<<https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 18 de abril de 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. LANDER, E. (org.). In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo nas ciências sociais- perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 117-142.

RAMOS, Aline Oliveira. **Práticas de discriminação racial nos anos iniciais do ensino fundamental:** sentido de professoras. Curitiba, PR: CRV, 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Teoria e Prática Científica. In:_____. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007. p. 117-126.

TRINDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial na voz de criança em espaços da educação infantil.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011

Sobre a autora:

Daiane Santos Farias

Graduanda do curso de licenciatura de Pedagogia, UESB- Campus de Vitória da Conquista, Residente do Programa Residência Pedagógica (CAPES)- UESB
Grupo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização Inicial, Leitura e Escrita (UESB)
E-mail: sfdaiane@outlook.com